

ABC dos povos indígenas no Brasil



Marina Kahn

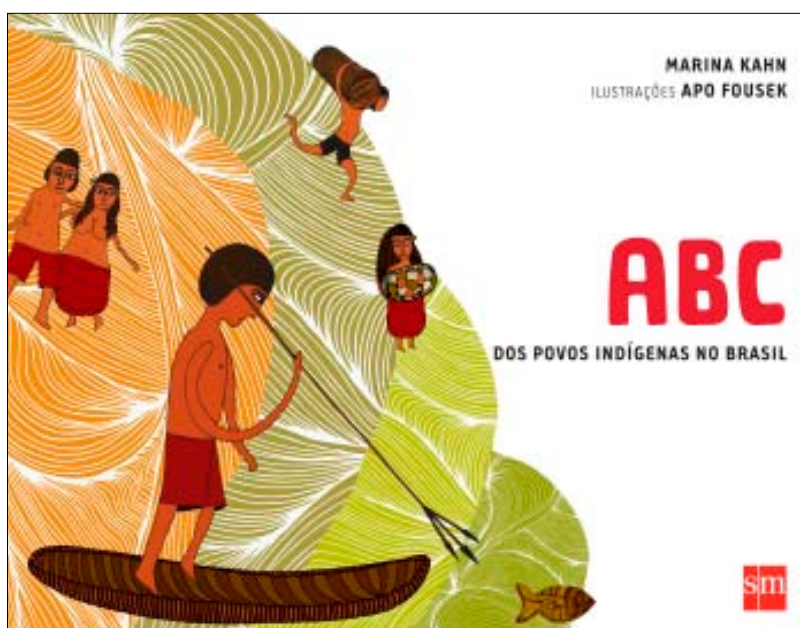
Ilustrações Apo Fousek

Nível leitor A partir de 8 anos

Anos escolares 3º e 4º

Temas abordados Pluralidade cultural / Culturas indígenas

**GUIA DE LEITURA
PARA O PROFESSOR**



2ª edição
48 páginas



A AUTORA Marina Kahn nasceu em São Paulo em 1957. Estudou Ciências Sociais e trabalhou na Funai por mais de uma década. Morou no território dos Ticuna, no alto rio Solimões e, depois, no Parque do Xingu. Hoje, afastada do cotidiano das aldeias, presta assessoria a associações indígenas e instituições não indígenas em interação.

O ILUSTRADOR Apo Fousek nasceu em São Paulo em 1974. É artista plástico multimídia com formação em Design Gráfico. Busca explorar em seu trabalho a relação dos seres humanos com a natureza, a ética com os animais e as práticas de consumo consciente, bem como alternativas de vida por meio das subculturas.

“TUPI OR NOT TUPI, THAT IS THE QUESTION”

Trata-se de uma referência direta a uma das mais famosas frases da literatura mundial: “*To be or not to be, that is the question*” (Ser ou não ser, eis a questão), presente em *A tragédia de Hamlet, o príncipe da Dinamarca*, do dramaturgo inglês William Shakespeare (1564-1616).

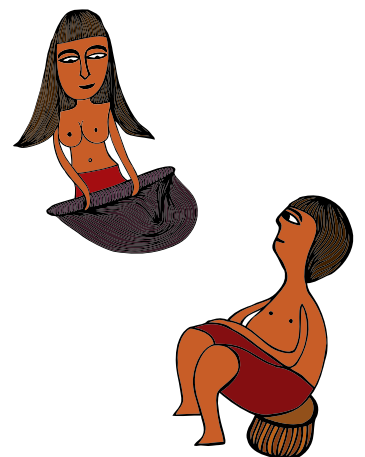
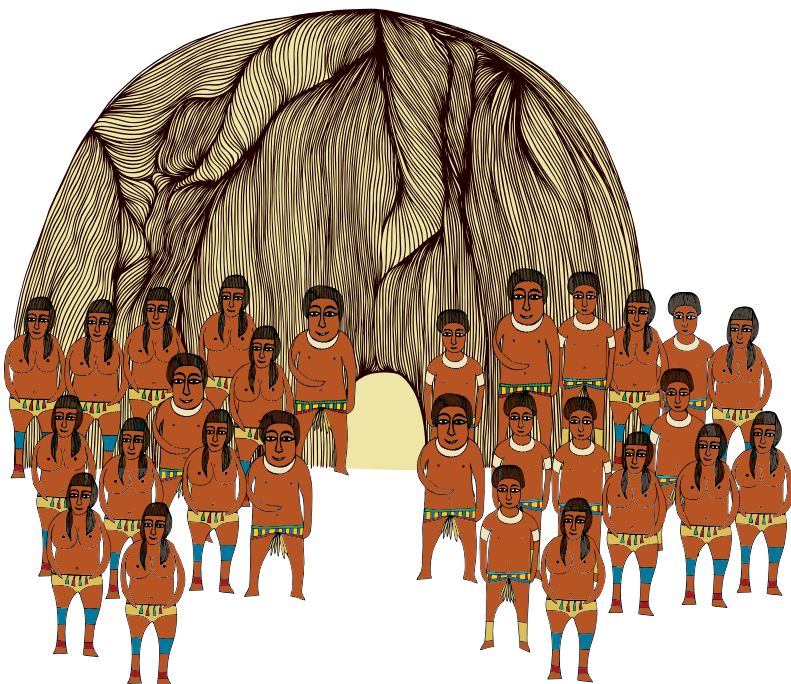
A frase de Oswald de Andrade, por sua vez, foi escrita séculos depois, fazendo parte do Manifesto Antropofágico, publicado originalmente na *Revista de Antropofagia*, em maio de 1928. O Manifesto tornou-se a voz do movimento antropofágico, uma das vertentes do Modernismo brasileiro, que criticava a dependência cultural do Brasil em relação aos modelos europeus e aspirava a uma cultura puramente brasileira, formada por elementos de origem africana, indígena e latina.

RELEVÂNCIA DO TEMA

Refletir sobre a identidade indígena brasileira é também refletir sobre a conquista do território e o genocídio dessas populações ao longo da história do Brasil. Na frase do escritor modernista Oswald de Andrade (1890-1954) “**Tupi or not tupi, that is the question**” (Tupi ou não tupi, eis a questão), mais que irreverência há uma menção sobre o ser indígena em uma terra que já foi povoada apenas por eles.

A Constituição brasileira de 1988, redigida após o regime militar, rompeu com as legislações anteriores, em que o Estado adotava uma atitude assistencialista diante dessas populações, e passou a obrigá-lo a assumir uma postura afirmativa da diversidade cultural e do reconhecimento da identidade indígena. Nela, o índio é considerado não apenas o primeiro e natural dono da terra, mas também cidadão, cujos direitos são assegurados por lei. Assim como o restante dos brasileiros, ele deve ter acesso à educação, à saúde, à habitação e à segurança.

Ainda hoje, porém, muitos grupos indígenas continuam marginalizados, sofrendo ataques e perdendo o direito sobre terras demarcadas pelo Estado. O avanço da fronteira agrícola em direção à floresta amazônica, a exploração de jazidas de minério em várias partes da região Norte do país e a construção da hidrelétrica de Belo Monte, na bacia do rio Xingu, localizada no estado do Pará, são exemplos de investidas econômicas que colocam em risco milhares de povos.



TERRAS INDÍGENAS

O artigo 231, § 2º, da Constituição Federal estabelece que as terras indígenas são as habitadas pelos índios “em caráter permanente, as utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar e as necessárias a sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições”.

Dessa maneira, o Estado é obrigado a delimitar toda área habitada por comunidades indígenas, estabelecendo a homologação e a demarcação da terra, assegurando a proteção dos limites do território e da integridade dos habitantes.

A primeira Terra indígena do Brasil foi a do Xingu (TIX), decretada pelo presidente Jânio Quadros (1917-1992) em 1961. A demarcação e o contato com os grupos indígenas da região foram feitos pelos irmãos Villas Bôas: Orlando (1914-2002), Cláudio (1916-1998) e Leonardo (1918-1961). Localizada no norte do Mato Grosso, é cortada pelos principais afluentes do rio Xingu e dividida em Alto, Médio e Baixo Xingu, abrigando pouco mais de 6 mil indígenas pertencentes a 16 etnias. É a maior do país, seguida da Terra indígena Raposa Serra do Sol, onde vivem 19 mil indivíduos pertencentes a cinco etnias.

Atualmente, existem no Brasil 670 terras indígenas, ocupando cerca de 13,2% do território nacional. A maior parte delas, contudo, concentra-se na Amazônia Legal: são 409 apenas nessa área. As demais distribuem-se entre as regiões Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul, estando presentes em praticamente todos os estados, com exceção do Rio Grande do Norte e do Piauí.

A hidrelétrica de Belo Monte afetará a biodiversidade local, provocando o desaparecimento de espécies nativas e dificultando a pesca nas aldeias situadas na **Terra indígena** do Xingu (TIX), no Mato Grosso. As discussões em torno da demarcação da Terra indígena Raposa Serra do Sol, em Roraima, é outro exemplo do confronto entre interesses econômicos e sobrevivência dos índios. Fazendeiros do arroz reivindicam o direito de exploração da terra, delimitada no início dos anos 1990 e em posse dos índios desde 1998.

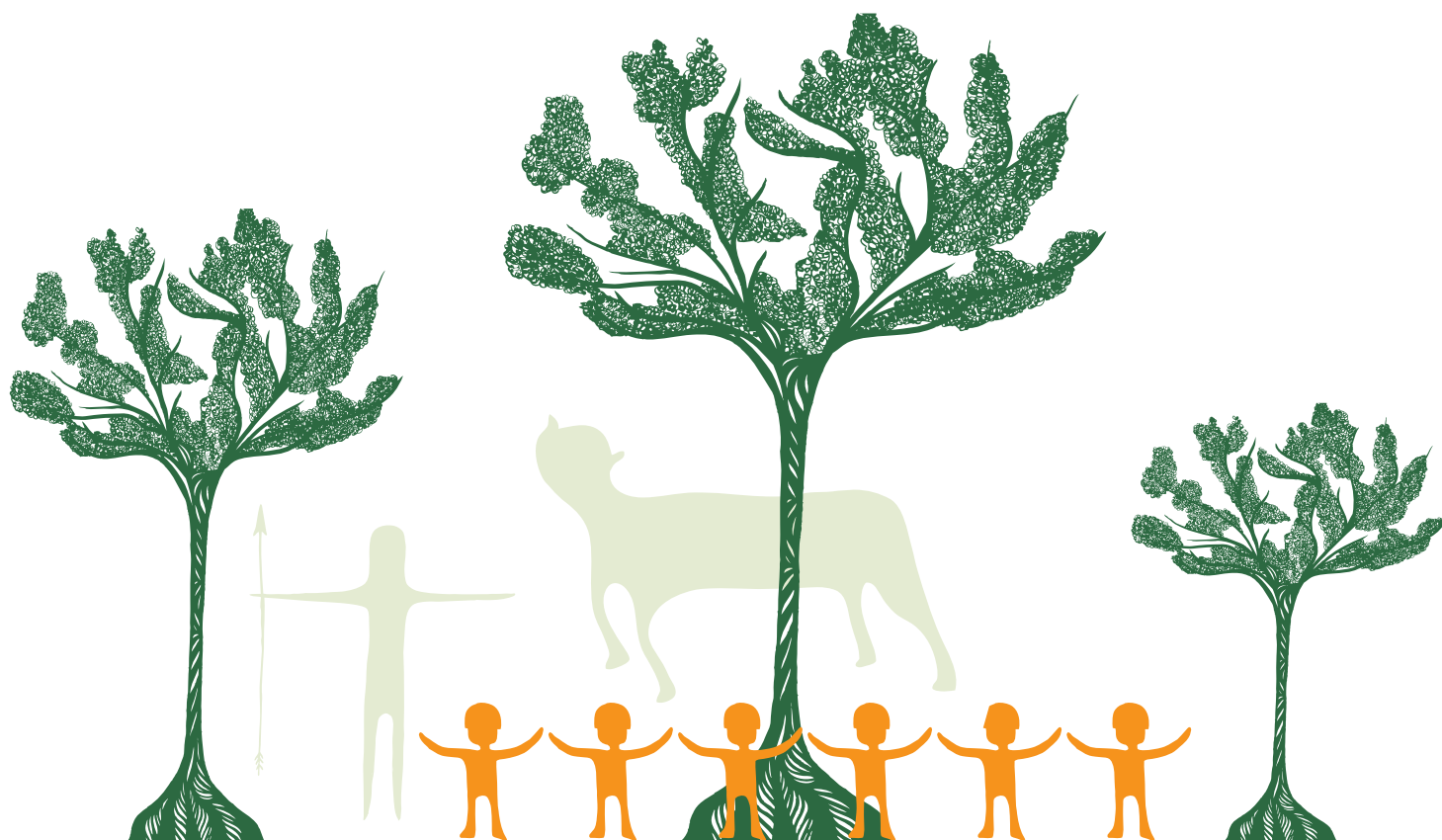
O aprimoramento nas formas de identificação dos indígenas pelos censos e a ampliação de programas de saúde podem ser os responsáveis, entre outros, pelo aumento gradativo da população indígena nas últimas décadas, especialmente de 2000 para cá. Segundo o censo de 2010, há no Brasil mais de 800 mil índios, divididos em 238 povos.



UM POUCO DE HISTÓRIA

Vestígios arqueológicos apontam que os indígenas brasileiros descendem de povos originários da Ásia, que migraram do norte do continente americano, pelo istmo do Panamá, e ocuparam a América do Sul há cerca de 10 mil anos.

Quando os europeus chegaram ao território que hoje compreende o Brasil, depararam com uma população bastante heterogênea, formada por diferentes etnias, vivendo em aldeias ao longo da costa e na bacia do rio Paraná. Entre esses povos destacavam-se dois, os Tupinambá e os Guarani, que, juntos, somavam mais de 2 milhões de indivíduos. Esses números não são exatos, havendo divergências de fontes confiáveis a respeito deles. Por exemplo, Florestan Fernandes (1920-1995) [*A investigação etnológica no Brasil e outros ensaios*. São Paulo: Global, 2009] e Darcy Ribeiro (1922-1997) [*O povo brasileiro: evolução e sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995] afirmam que, no século XVI, a população indígena era estimada em cerca de 2 milhões. Já a Fundação Nacional do Índio (Funai) calcula aproximadamente 10 milhões de índios no período das Grandes Navegações.



Os Tupinambá constituíam a maioria deles e estavam por toda parte, do norte ao sul das terras ocupadas e exploradas pelos portugueses, enquanto os Guaraní concentravam-se na porção centro-meridional. Esses dois povos faziam roçado, pescavam, caçavam e domesticavam plantas selvagens, como a mandioca (p. 24). Eram bons agricultores, plantando milho, batata-doce, cará, tabaco, amendoim, abóbora, urucum (p. 37), vários tipos de cabaça, erva-mate, que é matéria-prima do tererê (p. 35) etc. Contavam ainda com a generosidade da terra tropical, que fornecia abundante variedade de frutas o ano todo. Desenvolveram ferramentas para os trabalhos de subsistência, como o arco, a flecha e o tacape de pedra; objetos de uso cotidiano, como as cuias; e a técnica de queimada, destinada à calcinação dos solos para plantio.

Ao contrário do que se pensa, esses povos resistiram à conquista, lutando bravamente contra os colonizadores. A história que conhecemos foi escrita por cronistas e missionários jesuítas a serviço da Coroa portuguesa. Uma pena que o encontro desses dois mundos (o do branco europeu e o do indígena) só tenha uma versão. Acabamos privados de conhecer os relatos de coragem e bravura dos povos Tupi e Guaraní, cujas culturas são tradicionalmente transmitidas pela oralidade.

No período de colonização, muitas etnias foram exterminadas nos conflitos diretos com colonizadores, que portavam armas de fogo, ou por doenças trazidas por eles, como o sarampo e a gripe.

ASPECTOS GEOGRÁFICOS E HISTÓRICOS

Com a chegada dos europeus, muitos povos migraram para o interior do país, buscando se isolar do colonizador e dos grupos indígenas inimigos.

As divisões territoriais efetuadas pelas metrópoles europeias e depois pelos Estados nacionais latino-americanos, surgidos no século XIX, não respeitaram a territorialidade indígena. Ainda hoje, muitos grupos estão situados em zonas fronteiriças, vivendo em mais de um país. Os Ashaninka, por exemplo, estendem-se do Alto Juruá, território amazônico no Brasil, até a cordilheira andina no Peru. Os Wajãpi (p. 41) dividem-se entre o Amapá, território brasileiro, e a Guiana Francesa.

No Brasil, em geral, o movimento migratório desses povos está atrelado aos projetos de desenvolvimento econômico. À medida que as fronteiras foram se expandindo para o oeste e norte do país, a população indígena foi se refugiando em terras cada vez mais inóspitas, como o interior da floresta amazônica.



AS LÍNGUAS FALADAS

Quando os europeus aportaram no Brasil, os Tupinambá formavam o maior grupo indígena e estavam distribuídos em diversas aldeias ao longo da costa. Rapidamente os jesuítas institucionalizaram o tupi, idioma falado por eles, como a língua geral (p. 23) dos povos nativos e passaram a utilizá-la na catequização. No entanto, fora da faixa litorânea, estima-se que havia mais de mil línguas indígenas de norte a sul do país.

Aos poucos, o tupi passou a ser usado por quase toda a colônia, o que levou o Marquês de Pombal a proibi-lo em 1758, para preservar a língua portuguesa. Assim, ele foi extinto, mas deu origem a dois dialetos: língua geral (ou nheengatu) e língua geral paulista (falada principalmente pelos bandeirantes).

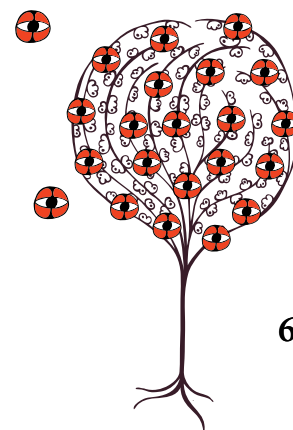
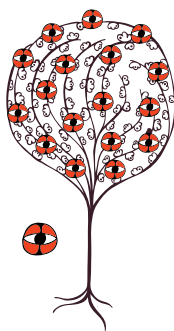
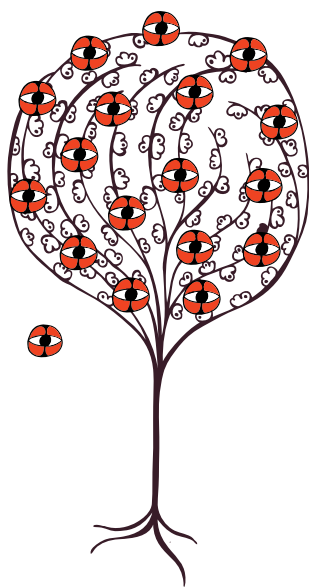
Além do tupi, muitas das línguas indígenas faladas na época da colonização se extinguíram com seus povos, restando hoje, segundo o censo de 2010, pouco mais de 270 delas, divididas em dois troncos: o tupi e o macro-jê. O fato de as línguas pertencerem ao mesmo tronco não significa que etnias distintas consigam se compreender. Mesmo em diálogos muito simples, sobre coisas cotidianas, as diferenças linguísticas são muitas. Nas escolas das aldeias, as aulas são dadas por professores indígenas e as crianças têm educação bilíngue: estudam o português e sua língua nativa.

Antropólogos e linguistas vêm desenvolvendo projetos de ortografia dessas línguas. Para isso, usam o **alfabeto fonético** internacional e trabalham em parceria com seus falantes. O novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa incorporou ao nosso alfabeto três letras importantes para a grafia das línguas indígenas brasileiras: *k*, *w* e *y*, antes usadas apenas em casos especiais (estrangeirismos, por exemplo).

Glossário

ALFABETO FONÉTICO

Sistema de símbolos que representa, com base no alfabeto latino, os sons dos idiomas falados. Essa padronização auxilia, por exemplo, o estudo de línguas estrangeiras.



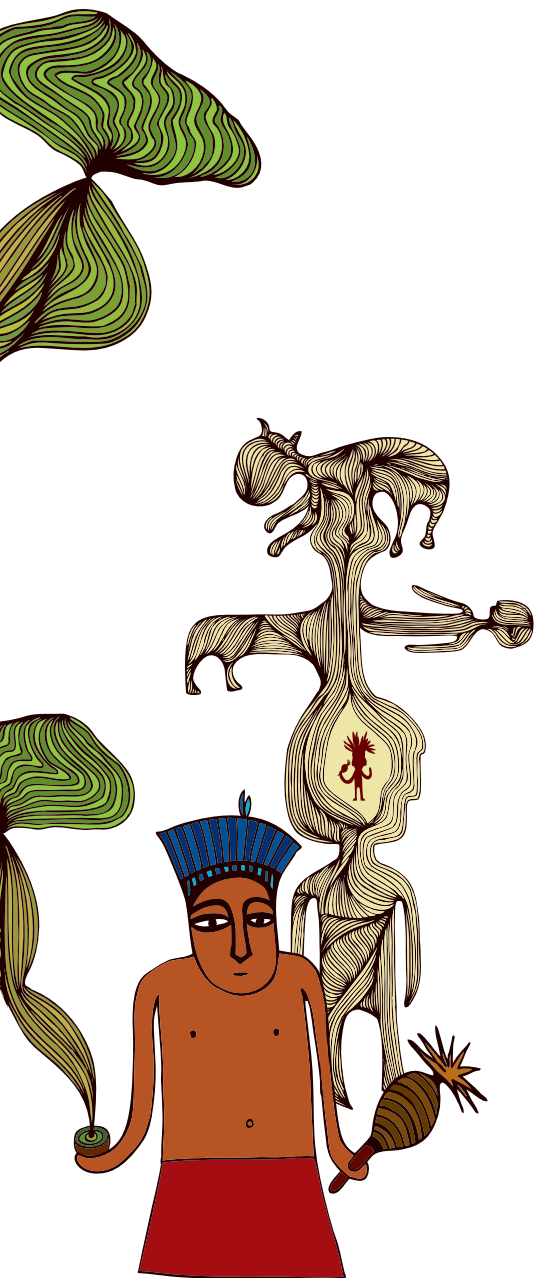
HÁBITOS E COSTUMES

Os povos indígenas têm uma relação estreita com a natureza. Suas rotinas são orientadas pela observação dos fenômenos naturais e pela movimentação dos astros. Praticam a caça e a pesca apenas para a alimentação, nunca para o comércio ou como esporte, e, tradicionalmente, não criam animais para abate.

O peixe e a mandioca são a base da alimentação da maioria dos povos. A mandioca, nativa do Brasil, serve de matéria-prima para o beiju (p. 8). Algumas etnias, como as do Alto Xingu, também a utilizam no preparo de uma espécie de mingau.

Em geral, as habitações são coletivas, dispostas lado a lado, em círculo. É na vida em comunidade, por meio dos rituais e das narrativas mitológicas, que os adultos transmitem aos mais jovens as tradições, os saberes e a história de seus povos. A huka-huka (p. 18), por exemplo, é uma habilidade transmitida de geração a geração. Dificilmente um jovem aprenderá a disputa praticando-a sozinho, sem alguém, como o pai, o avô ou um irmão mais velho, que compartilhe a experiência com ele. Em geral, os guerreiros indígenas vêm de famílias que seguem essa tradição.

Os homens pescam, caçam, cuidam das roças e geralmente são os responsáveis pelo comércio do artesanato com os caraíbas (homens brancos), saindo da aldeia com frequência para visitar os grandes centros e feiras, nos quais vendem cestos, cuias, colares, cerâmicas e todo tipo de arte. As mulheres cuidam das casas e dos filhos, preparam os alimentos, cultivam roças e produzem artesanato para uso da família e comercialização. As crianças vão à escola e brincam.



Na infância, os indígenas começam a ter os primeiros contatos com os saberes tradicionais de seu povo, observando o comportamento dos adultos e ouvindo as narrativas mitológicas sobre a origem do mundo, dos seres humanos e do contato com o homem branco. Os jovens ajudam os adultos a cuidar das crianças e da aldeia. Na reclusão (p. 31), aprofundam os conhecimentos sobre seu povo, a natureza e as relações humanas. Nesse período, o caráter é moldado e o corpo preparado para a vida adulta.

É cada vez mais frequente o interesse dos jovens indígenas pelos acontecimentos exteriores à aldeia e a sua cultura. Muitos têm buscado experiências de estudo em cidades e estados distintos dos seus, além de manifestar o desejo de viajar e conhecer idiomas estrangeiros. Contudo, não perdem a identidade indígena e, normalmente, depois de completarem os estudos, retornam à aldeia, assumindo responsabilidades e funções importantes na dinâmica social do grupo – por exemplo, como professores ou agentes de saúde.

MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS E CULTURAIS

Na cultura ocidental, as manifestações artísticas funcionam como expressão estética e comunicativa. Entre os indígenas brasileiros, porém, elas estão mais atreladas ao cotidiano e aos rituais.

Os artefatos e adornos são confeccionados com plumas, palhas, madeira, sementes e todo tipo de material encontrado na natureza. Os corpos são enfeitados com tintas feitas de jenipapo (p. 21) e urucum (p. 37). O sistema de grafismos corporais do povo Wajãpi (p. 41) foi o primeiro a ser reconhecido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) como bem imaterial.

Recentemente, indígenas de várias partes do Brasil passaram a realizar registros audiovisuais de suas manifestações artísticas e culturais. Tendo em vista que suas culturas são essencialmente orais, essas produções têm o sentido de transmissão e preservação do conhecimento. No caso específico dos cineastas indígenas, os vídeos são voltados para o público em geral, muitos dos quais participaram de mostras e competições nacionais e estrangeiras, conquistando prêmios e permitindo aos índios compartilhar suas experiências de forma mais ampla.



COMO TRABALHAR O LIVRO EM SALA DE AULA

PLURALIDADE CULTURAL, ALTERIDADE E IDENTIDADE

O Brasil é formado por diferentes povos vindos dos mais diversos lugares. Quando os portugueses aportaram em nossas terras, o território era ocupado por uma variedade enorme de grupos indígenas. Já nos primeiros anos da ocupação portuguesa, franceses, holandeses e espanhóis também fundaram ou tentaram fundar colônias por aqui.

Para o funcionamento da empresa colonial, os portugueses trouxeram cativos de várias regiões da África, pertencentes a distintas etnias. Com a abolição da escravatura, imigrantes começaram a chegar para trabalhar nas fazendas de café e nas indústrias; os primeiros foram os italianos e os japoneses.

A heterogeneidade étnica contribuiu para a formação da cultura e do povo brasileiros. Nós compartilhamos uma história, um idioma e uma nacionalidade. Porém, no campo da diversidade humana, não somos todos iguais. Além de uma história pátria comum, cada um de nós carrega a própria, da qual fazem parte as experiências individuais e outras vividas coletivamente.

Dessa maneira, nenhuma cultura é estática. Nenhum indivíduo permanece o mesmo ao longo da vida. Desde o momento em que nascemos até atingirmos a idade escolar, vivemos em um grupo social bastante restrito, com nossos pais, irmãos, avós, tios, primos, vizinhos e alguns amigos.

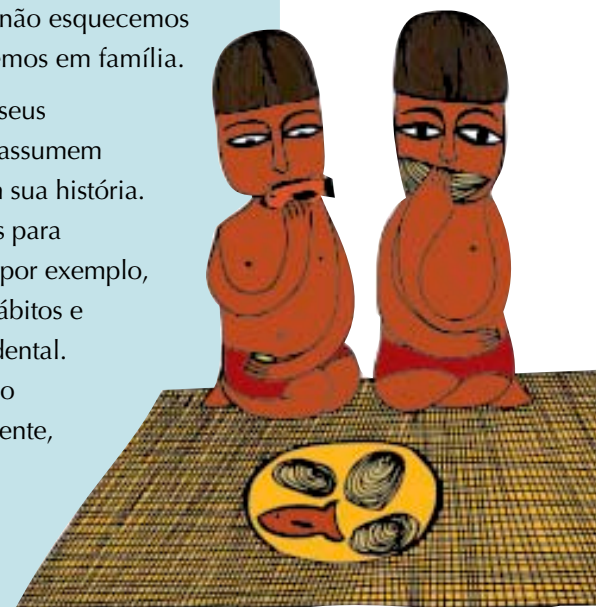
Explore com os alunos três questões fundamentais para a discussão do *ABC dos povos indígenas no Brasil*: **pluralidade cultural, alteridade e identidade**. Ao trabalhar esses temas com eles, você terá a oportunidade de incentivá-los a valorizar a diversidade étnica e cultural do povo brasileiro, identificando e reconhecendo sua história e experiência pessoal. Afinal, admitir a diversidade não significa suprimir a própria história, e sim reconhecer a diferença. Veja algumas propostas de atividade nessa linha:

1. Comece explicando para a turma o que é um abecedário como o *ABC dos povos indígenas no Brasil*. É importante que os alunos tenham claro que os elementos culturais formadores desse *ABC* não pertencem todos a uma única etnia, mas a várias delas, situadas em diferentes regiões do país.

Relacione o verbete à ilustração e deixe espaço para que eles falem e ouçam os colegas. É importante ressaltar as opiniões divergentes ou consensuais sobre determinados elementos, porém faça a mediação apenas quando for necessária.

Na fase escolar, aprendemos uma série de habilidades, como ler, escrever e expor nossos pontos de vista. Também conhecemos muitas pessoas. Todas essas experiências influenciam nosso caráter e nossa história. Nós nos transformamos, mudamos, e mesmo assim não esquecemos nossas origens e o que vivemos em família.

Morando em aldeias como seus antepassados, os indígenas assumem uma identidade e legitimam sua história. Quando saem de suas terras para comercializar o artesanato, por exemplo, é natural que incorporem hábitos e costumes da sociedade ocidental. No entanto, essa relação não implica perdas necessariamente, mas pode fomentar a troca cultural, a possibilidade de reconhecimento da identidade e da diferença.

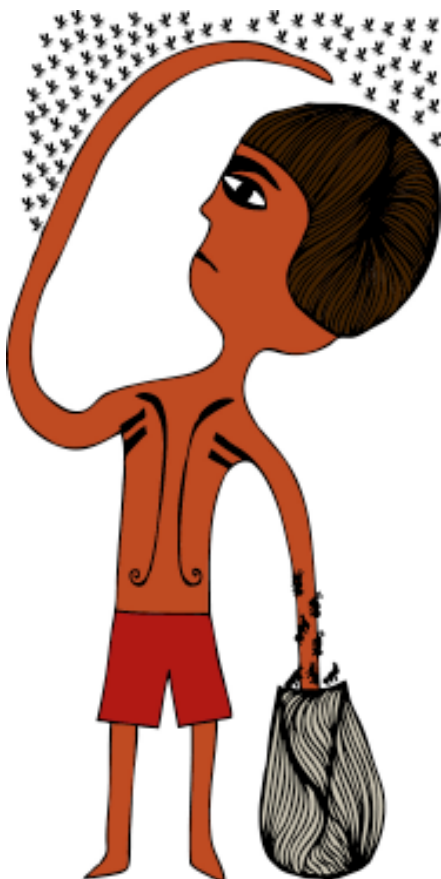


2. Divida os alunos em pequenos grupos e proponha que façam uma pesquisa em jornais e revistas levantando fotografias de indígenas ou de possíveis descendentes. Depois, reúna a turma em círculo a fim de analisá-las. Deixe que os alunos expressem suas opiniões à vontade.

Muito provavelmente as fotos de indígenas selecionadas pelos alunos serão de indivíduos ornamentados com penas e pinturas corporais, e as de descendentes, de indivíduos portadores de traços indígenas. Esse é o gancho para a desconstrução de tal imaginário, com informações sobre a história e as culturas indígenas, tendo como eixo a diversidade dos povos. É importante que os alunos compreendam que os indígenas podem viver tanto em aldeias quanto em cidades, bem como usar vestimentas feitas de penas ou roupas industrializadas. Não são apenas os elementos externos que legitimam a identidade. Essa é formada, principalmente, pelos hábitos culturais e por variantes subjetivas. Por exemplo, algumas pessoas que descendem de indígenas nunca viveram em aldeias e mesmo assim consideram-se indígenas. É o caso do autor Daniel Munduruku, descendente da etnia Munduruku, mas nascido na cidade de Belém do Pará. Ele reconheceu-se indígena e o trabalho que desenvolve tem por objetivo a preservação e a divulgação da cultura de seu povo.

3. É interessante propor aos alunos que identifiquem elementos de origem indígena em nossa cultura. O beiju (p. 8) e o guaraná (p. 17) são dois exemplos a explorar em sala de aula. O beiju é um alimento presente na refeição dos brasileiros nas áreas urbanas e, sobretudo, nas rurais. O guaraná, usado tradicionalmente pelos povos indígenas, tornou-se uma bebida industrializada, conhecida fora do Brasil como o refrigerante típico do país.

Portanto, solicite aos alunos, como tarefa de casa, que construam um painel com recortes representativos dos hábitos alimentares, objetos de uso cotidiano e costumes tradicionalmente indígenas que foram incorporados à cultura brasileira. Espera-se que eles escolham alimentos preparados com mandioca (farinha, beiju, tapioca, mandioca cozida ou assada) e objetos como rede, esteira, peças de cerâmica, peteca, cestos e bolsas de palha, enfeites e adornos de plumas usados no Carnaval, canoa etc.



INDÍGENAS E GRÉCIA ANTIGA?

Como ocorre com as populações indígenas brasileiras, a Grécia antiga era formada por diferentes povos: ateniense, espartano, eólio, dório, jônio e arcádio, por exemplo. Embora compartilhassem o idioma e alguns hábitos e costumes, esses povos nunca formaram uma unidade política e habitaram diferentes regiões ao redor do mar Mediterrâneo. Como as sociedades indígenas, desenvolveram narrativas mitológicas, que podem ser apreciadas nas esculturas, nos objetos de uso cotidiano, nos altos-relevos e nos gêneros literários, como cânticos e poemas. Na região de Olímpia, área envolta pela natureza mediterrânea, criaram os Jogos Olímpicos, reunindo competições de atletismo e lutas de força.

Para saber mais:

Olímpia: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Olympia-stadion.jpg>

Templo de Hera em Olímpia: http://en.wikipedia.org/wiki/Temple_of_Hera,_Olympia (em inglês)

Jogos Olímpicos na Antiguidade: <http://www.olympic.org/ancient-olympic-games> (em inglês)
http://www.bbc.co.uk/schools/primaryhistory/ancient_greeks/the_olympic_games (em inglês)

Vídeo do acendimento da tocha olímpica: <http://youtu.be/CMsSBBaFlbY>

Olimpíada dos Povos Indígenas: http://pt.wikipedia.org/wiki/Jogos_dos_Povos_Ind%C3%ADgenas
<http://conexaoto.com.br/2011/11/03/acendimento-da-chama-dos-jogos-dos-povos-indigenas-acontece-nesta-sexta>

Convide-os a construir um mural-varal na sala de aula, expondo os painéis.

4. Vale também promover a contrapartida da análise, ressaltando a presença de elementos da cultura ocidental na indígena. Um bom exemplo é a Olimpíada dos Povos Indígenas, mencionada no verbete “corrida de tora” (p. 9), cuja última edição ocorreu na ilha fluvial Porto Real, localizada no município de Porto Nacional, no Tocantins.

Evidencie a similitude entre a relação dos **povos gregos**, na Antiguidade, com os povos indígenas brasileiros de hoje. Para isso, apresente fotografias atuais da região na qual situava-se Olímpia e confronte-as com as de aldeias indígenas.

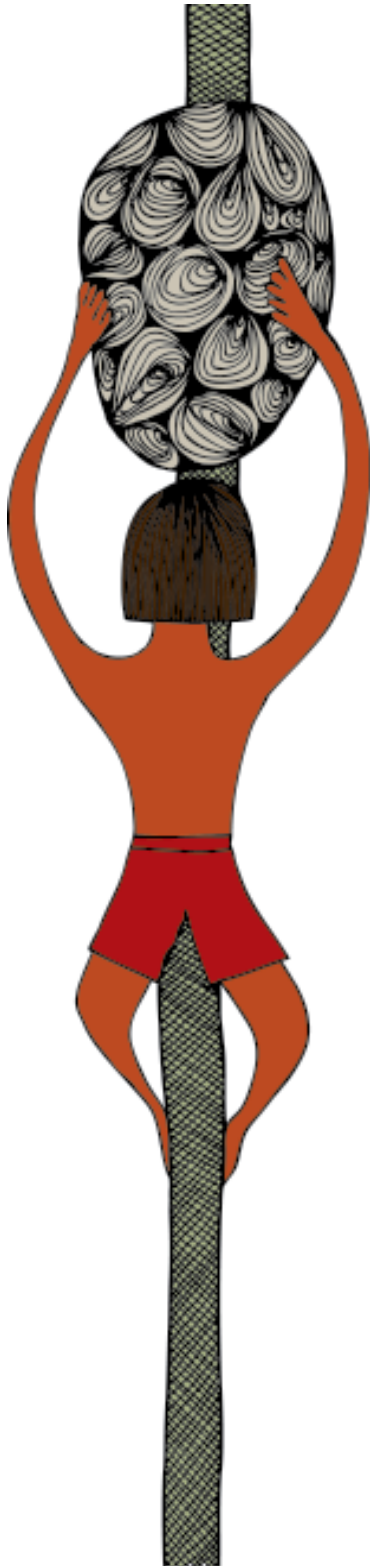
Os Jogos Olímpicos têm início com a chama da tocha; a Olimpíada dos Povos Indígenas, por sua vez, com o ritual da fogueira. Se possível, exiba para a turma vídeos desses dois acontecimentos.

A fim de auxiliar os alunos na análise das imagens, solicite que eles descrevam o que veem. Pergunte sobre as personagens, as paisagens, os elementos semelhantes e os diferentes.

5. Para finalizar o trabalho sobre trocas culturais, discuta como costumes comuns operam na cultura indígena e na nossa. Por exemplo: ritos de passagem, cerimônias religiosas e festividades. Você pode destacar os verbetes “festa” (p. 15) e “Kuarup” (p. 22). Converse com os alunos sobre as festas de que eles participaram e pergunte se já ajudaram a organizar alguma. Será uma boa oportunidade para a turma compartilhar experiências individuais e coletivas.
6. As imagens dialogam diretamente com os verbetes; portanto, reserve um tempo da aula para observá-las.

Os desenhos buscam ilustrar diferentes situações. Por exemplo, a dupla de páginas do verbete “esteira” (p. 12-13) mostra variados empregos para o traçado da palha: na casa, na esteira de dormir, na esteira onde se deposita o peixe, nos cestos para armazenamento e transporte de alimentos e no cesto para carregar o bebê.

Vídeo do ritual da fogueira na Olimpíada dos Povos Indígenas: <http://youtu.be/ENC9NW4oom8>



No verbete “huka-huka” (p. 18), o ilustrador sobrepõe uma característica singular dos povos indígenas, que é a organização circular da aldeia, com as casas dispostas lado a lado, e o fundo sugere o disco de tronco de uma árvore, no qual é possível ver os anéis que indicam a idade dela.

No verbete “reclusão” (p. 31), um garoto solitário está pensando. O interessante dessa imagem é que, embora o período de reclusão seja o que o jovem fica mais tempo sozinho, é também o momento no qual boa parte da aldeia está dedicada a ele. Os familiares mais velhos o visitam para transmitir as tradições e os parentes auxiliam nos preparativos para a festa que findará essa etapa e será compartilhada com toda a aldeia. Agora que seus alunos já conhecem um pouco mais sobre a pluralidade dos povos indígenas e sua influência na cultura brasileira, sugira que escolham um dos verbetes e imaginem ou desenhem nova ilustração para ele. Recomende que se inspirem nas conversas e nas imagens que viram. Exponha os trabalhos no mural-varal.

INDICAÇÕES

FILMES

PARA O PROFESSOR

- *Corumbiara* (Brasil, 2009). Narrativa autobiográfica de Vincent Carelli em sua busca por índios isolados na gleba Corumbiara, em Rondônia. O cineasta passou vinte anos tentando captar as imagens, a fim de provar a presença indígena na região e permitir que a Funai delimitasse a área, preservando-a dos ataques de posseiros e madeireiros.
- *Xingu, a terra ameaçada* (Brasil, 2006). Documentário de Washington Novaes que aborda os desafios atuais da Terra indígena do Xingu (TIX), apresentando os principais problemas enfrentados pelas comunidades indígenas, como a expansão da *plantation* de soja no entorno da TIX.

PARA OS ALUNOS

- *Bicicletas de Nhanderu* (Brasil, 2011). Documentário de Patrícia Ferreira e Ariel Duarte Ortega, dois jovens cineastas da etnia Guarani, que expõem a espiritualidade compartilhada pelos membros da aldeia Koenju, em São Miguel das Missões, no Rio Grande do Sul.

- *Uma escola Hunikui* (Brasil, 2008). Documentário do cineasta indígena Zezinho Yube que mostra o cotidiano escolar em uma aldeia do povo Hunikui, localizada no estado do Acre.

LIVROS

PARA OS ALUNOS

- BALADAN, Alicia. *Uma história guarani*. São Paulo: Edições SM, 2010. Reconto de lenda guarani sobre o rito de passagem para a vida adulta, tendo como eixo a busca pela teia de aranha, tida como milagrosa.
- RIOS, Rosana. *Mavutsinim e o Kuarup*. São Paulo: Edições SM, 2008. Narrativa Kamayurá que conta como foi criada a humanidade pelo primeiro homem do mundo, Mavutsinim, e de que forma ele instituiu o Kuarup.

FONTES DE PESQUISA

LIVROS

- BÔAS, Orlando Villas. *Orlando Villas Bôas: histórias e causos*. São Paulo: FTD, 2006. Autobiografia do indigenista, na qual ele relata sua experiência com os indígenas brasileiros, no decorrer de décadas, e conta a história da expedição Roncador-Xingu, liderada por ele e seus irmãos, Cláudio e Leonardo.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. Um dos livros clássicos da história do Brasil, analisa a formação da cultura e do povo brasileiros. Neste guia de leitura, foram utilizados como referência os capítulos sobre a cultura indígena.

SITES

- Fundação Nacional do Índio (Funai):
<http://www.funai.gov.br>
- Instituto de Pesquisa e Formação Indígena (Iepé):
<http://www.institutoiepe.org.br>
- Instituto Socioambiental (ISA):
<http://www.socioambiental.org>
- Museu do Índio:
<http://www.museudoindio.org.br>
- Vídeos nas Aldeias (VNA):
<http://www.videonasaldeias.org.br>



ELABORAÇÃO DO GUIA FABIANA FERREIRA LOPES É EDITORA, COM FORMAÇÃO EM HISTÓRIA E CINEMA. ATUOU EM MOVIMENTOS CAMPESINOS E VIVEU NO XINGU, NA ALDEIA AHIA KALAPALO. ATUALMENTE VIVE NA ITÁLIA. PREPARAÇÃO GRAZIELA R. S. COSTA PINTO. REVISÃO MARCIA MENIN E CARLA MELLO MOREIRA.